



ANCESTRALIDADE

**pontos de vista e de vida das crianças da Comunidade
Quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA)**

**Eliana Pojo Toutonge Campos
Wanessa Gomes Rodrigues
Wilma Cardoso Ferreira
(Autoras)**

ABAETETUBA/PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Professora Conceição Solano / UFPA-Abaetetuba-PA

T736a Pojo, Eliana Campos Toutonge
Ancestralidades: pontos de vista e de vida das crianças da
Comunidade Quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA) [recurso
eletrônico]/Eliana Campos Pojo Toutonge, Wanessa Gomes Rodrigu
es;
Wilma Cardoso Ferreira. — Abaetetuba: Ed. Abaeté, 2024. (Crian
ças amazônicas)
PDF (24 p.): il. color.

Acesso: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/175>
ISBN 978-65-86640-92-2

1. Quilombolas – Abaetetuba (PA). 2. Crianças. 3. Ancestralida
de.
4. Quilombolas – Educação – Abaetetuba (PA). I. Rodrigues, Wane
ssa Gomes. II. Ferreira, Wilma Cardoso. III. Título.

CDD 23. ed. 371.82098115

Elaborado por Luciane Silva da Silva – CRB-2/1632

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer às pessoas da Comunidade Quilombola Piratuba pela acolhida e pela recepção durante o desenvolvimento do projeto, em especial pela receptividade da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nossa gratidão às crianças participantes, que socializaram conosco suas vidas por meio de histórias, sorrisos, brincadeiras e acontecimentos do dia a dia e que, de modo simples, nos ensinaram a ouvir/falar cada um/uma a seu modo e a seu tempo. Pela partilha de histórias lendárias, imaginadas, reais e de vida vivida.

Somos imensamente gratas pela parceria firmada com a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e com as lideranças Wilma Cardoso Ferreira, Raíssa Assunção e com o diretor Giovane Gonçalves dos Santos, pelo apoio e parceria neste trabalho.

Agradecemos ainda o apoio institucional pelo subsídio com material didático, entre outros, além da bolsista. Aqui, fazemos destaque à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX- UFPA), vínculo do projeto, e ao Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubúia Amazônica* (UFPA/CNPQ).

Nossa gratidão a todos que contribuíram direta e indiretamente com este trabalho.

PREFÁCIO

Esta singela obra apresenta um pouco da história de uma comunidade tradicional localizada no município de Abaetetuba(PA). Trata-se de um trabalho educativo, desenvolvido pela Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba, cuja atuação ocorreu por meio do projeto de Extensão “Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças”, realizado nesta comunidade tradicional, Quilombo Piratuba, situada na PA-252, no referido município.

Ocorreu na Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com a participação de crianças de Educação Infantil, estando a discussão focada na Criança e na Ancestralidade, direcionada à diversidade afro-amazônica, desde o valor do saber e de sua importância para o mundo. Assim, teve como objetivo mostrar como as crianças vivem e convivem hoje com suas ancestralidades, passadas de geração em geração, deixadas pelos seus avós, bisavós, pais, mães etc.; como a cultura, os costumes e as tradições podem estar no currículo escolar, de forma que não sejam esquecidos, mas avivados diariamente. A perspectiva acentuou alguns traços ancestrais presentes na aprendizagem desses estudantes, porém, por métodos coloniais e que agora estão, oportunamente, sendo confrontados por processos pedagógicos que pautam o saber dos antepassados e das crianças.

Uma das formas se processou com o educar-se e com o educar por meio da contação de histórias em uma sementeira dialógica e de conhecimentos deixados pelos ancestrais do Quilombo Piratuba. São exemplos as histórias das visagens, que foram e/são contadas de pai para filho, como a Matinta Perera, o Curupira, o Tocão e a Carroça, além de fragmentos da história da formação do território quilombola do ramal do Piratuba, sendo a primeira família a do senhor Estulano com sua esposa e seus vinte e quatro filhos.

Em síntese, esta obra traz histórias, desenhos e imagens de como essas crianças ainda utilizam os valores, os recursos, os costumes, as tradições, as culturas, a religiosidade deixados por aqueles que já se foram, transmitidos de maneira lúdica e divertida. Esse processo de educar-se e de educar pela fala e pela narrativa foi importante, fazendo com que os envolvidos pudessem entender um pouco mais sobre como vivem as pessoas de uma comunidade tradicional, uma comunidade quilombola, para além de preconceitos.

São histórias ricas de conhecimento e de reconhecimento de uma ancestralidade afro-amazônica, ainda, entre nós. Desta feita, o igarapé é central no território – uma fonte de recurso natural, além de constituir-se um marcador de diferença, de vitalidade social útil para os brincantes e para a ludicidade de crianças e de adultos por diversas gerações, ou seja, o igarapé é usado para lavar roupa, para tomar banho, para o lazer com os amigos e, principalmente, para o brincar das crianças. Então, precisamos seguir com o igarapé Piratubão.

Wilma Cardoso Ferreira
Liderança/Presidente Associação Quilombola da Comunidade Piratuba

APRESENTAÇÃO

O Grupo *De Bubuia Amazônica* e as crianças da Comunidade quilombola Piratuba estão felizes em apresentar a você este livro tematizando sobre uma vertente ancestral afro-amazônica, cuja ação ocorreu por meio do **Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças**¹, sob a coordenação da professora Eliana Pojo. Assim como você, esses caboclos mirins também gostam de brincar na natureza, de ouvir histórias e da cultura local. E, para que a floresta, o rio, a terra e as pessoas da comunidade que ali vivem continuem existindo, todos/todas precisam conhecer a Amazônia e suas ancestralidades, aprender a dar valor e saber de sua importância para o planeta. Por isso, neste livro, falamos de gentes, de saberes, de rituais com as águas e com a terra, de coisas e de simbolismos amazônicos. Falamos da comunidade quilombola pelo que é ancestral em resistência e em persistência, de ontem, de hoje e pensando adiante. Falamos pelas vozes, pelos pontos de vista e de vida das crianças. De crianças em idade de Educação Infantil e que gostam de viver no território.

O projeto intuiu trazer o continente africano para mais perto das crianças pelas histórias, precisamente por meio de oficinas de contação de histórias, ou seja, perspectivamos intercambiar raízes africanas e o saber local amazônico em expressões e em pensamentos. Tivemos como desafio vivenciar trocas de saberes entre crianças e acadêmicos (licenciatura em Pedagogia), de maneira divertida, lúdica e de aprendizagem afrodíaspóra, contrapondo-nos, infelizmente, ao que acontece na escola: esquecimento da ancestralidade afro-amazônica. Pensamos que existe, concretamente, um déficit do saber ouvir, bem como um do narrar histórias, conseqüentemente, a ausência da ancestralidade amazônica e brasileira por parte de todas as pessoas. De outra forma, as matas, as terras, os rios e os habitantes de territórios tradicionais constituem vários mundos sociais, porém pouco acessados pelas crianças desde uma perspectiva de narrativas negras e para além do senso comum.

Assim, esperamos que as fotos, as narrativas e os desenhos das crianças levem você e, também, sua imaginação até o coração da floresta amazônica sob uma vertente ancestral, isto é, de quem somos e onde estamos, que fios nos tecem. E tomara que um dia você consiga conhecê-la ou passe a valorizá-la ainda mais!

Obrigada, meninos e meninas da comunidade quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA)!

**Em pleno verão amazônico, Abaetetuba (julho, 2024).
As autoras**

¹ Projeto vinculado ao Edital nº 03/2023-PROEX/Eixo Transversal, em vigência e 08/2023 a 07/2024.

SÚMARIO

Agradecimentos	3
Prefácio	4
Apresentação	5
Introdução	7
1- Sobre a Comunidade Quilombola Piratuba	9
2- Relações entre criança e ancestralidade	10
3- A oralidade é o que dizem e contam as crianças do Piratuba?	14
4- Um pouco mais do Quilombo Piratuba	17
Costumes e tradições	17
Brincares e Ludicidade	17
Histórias do Piratuba	17
Caminho da Escola	17
5- O território vivido com seus elementos: desenhos que narram	18
Referências	23

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “Ancestralidades: pontos de vista e de vida das crianças da Comunidade Quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA)” foi um produto de Trabalho de Curso (TC), desenvolvido a partir do referido projeto. Esteve voltado a discutir os contornos educativos e políticos entre o tripé ancestralidade, criança e oralidade, pensado como aprendizado e formação com crianças do território quilombola de Piratuba.

Tomando o cenário sociocultural e escolar, este projeto de extensão encostado na investigação e no fazer pedagógico, voltou-se a dialogar em momentos formativos com base na seguinte questão norteadora: O que dizem e contam as crianças sobre os saberes da comunidade Quilombola Piratuba, em Abaetetuba (PA), que estão diretamente relacionados com a ancestralidade amazônica e africana? E, visando responder a essa questão, nos direcionamos em campo e com o Outro (criança) a partir do objetivo geral: realizar oficinas de contação de histórias com base na literatura infantil afrodescendente e amazônica, buscando valorizar a identidade étnica e promover a reprodução dos saberes pelas próprias crianças quilombolas. Além desse, como objetivos específicos, buscamos mapear histórias amazônicas, lendárias e de existência/vida, presentes no cotidiano da comunidade Quilombola do Piratuba pela tradição oral, relacionando-as com a literatura infantil afrodescendente e realizar momentos de troca de saberes sobre as raízes ancestrais da comunidade quilombola do Piratuba.

No que diz respeito à metodologia, a base teórica envolveu os estudos de Brandão (1993), ao tratar do aprender-ensinar como um processo dialógico; de Benjamin (1987) a partir de sua contribuição sobre a narrativa e sua importância na transmissão dos saberes, assim como as pesquisas dos autores Sodré (2002) e Daniel Mundurucu (2000), que tratam da ancestralidade. Esses referenciais teóricos foram essenciais para compreendermos a relação entre ancestralidade e infância como um elo importante na construção de uma educação antirracista desde os primeiros anos de vida.

Na etapa empírica da pesquisa, foram realizadas oficinas de contação de histórias afro-amazônicas com crianças da Educação Infantil, período II, da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na comunidade referida. As oficinas ocorreram ao longo de um ano, de agosto de 2023 e agosto de 2024, totalizando cinco encontros voltados à valorização da oralidade e à promoção da troca de saberes. Nos encontros, sobressaíram falas que retratavam o Igarapé - conhecido como braço do Piratuba ou Piratubão – que atravessa o ramal e dá nome à própria comunidade. Por isso, visualmente, a ideia central deste trabalho com a imagem da capa é retratar de maneira focalizada algo comum na comunidade: uma criança apreciando a beira do igarapé, a paisagem e o contexto, uma forma sensível de conviver com a natureza, e isso parte do repertório cultural das crianças. Repertório este envolto no território e na ancestralidade, aprendido informalmente na forma de memórias, de saberes, de oralidades e de vivências do território.

Inicialmente, participaram aproximadamente quinze crianças. Contudo, ao longo do desenvolvimento das atividades e em razão do processo didático e pedagógico, estivemos convivendo com seis crianças, com as quais finalizamos o projeto.

As oficinas abordaram os temas: “Conhecendo as raízes do lugar onde moro”, “Características do Quilombo Piratuba” e “O que se entende por ancestralidade”.

Adicionalmente, foram realizadas observações na comunidade e entrevistas com as crianças e com alguns moradores da comunidade quilombola Piratuba, o que permitiu ampliar a compreensão sobre os modos de vida, sobre os saberes compartilhados e sobre a memória coletiva da comunidade. Vale destacar que, considerando a participação de crianças e a realização da pesquisa em Territórios Tradicionais, foram seguidos todos os protocolos éticos exigidos para esse tipo de projeto/investigação/intervenção.

Nesse contexto, o diálogo com as crianças foi o ponto forte dos encontros, sempre permeados por trocas de saberes, por meio de histórias afro-amazônidas e as contadas por elas.

SOBRE A COMUNIDADE PIRATUBA

Este território tradicional, Quilombo Piratuba, situa-se precisamente na PA-252, estrada de Moju, no município de Abaetetuba (PA), que integra a mesorregião do nordeste paraense. Abaetetuba possui uma ampla diversidade cultural e histórica, além da forte relação com os rios e com as florestas da Amazônia, fato que influencia diretamente a vida econômica e social da população.

A história da Comunidade Quilombola Piratuba inicia no século XX com a chegada dos primeiros habitantes, provavelmente por volta de 1905, vindos pelo Rio Moju. Sendo a família do Senhor Estulano, sua esposa e seus vinte e quatro filhos a primeira a chegar. Segundo relatos dos moradores antigos daqui, ela atravessou o rio Moju e adentrou as matas cruzando as terras, conhecida como Santa Cruz. Essa família se fixou ocupando terras às margens do igarapé Piratuba.

Piratuba é uma palavra originária da língua tupi-guarani, na qual *pira* - é de piracema e, - *tuba*, fartura de peixe. Essa fartura também, à época, se constituía pela agricultura bastante cultivada com a mandioca, com o milho, com o maxixe, com o café, com o arroz, com o tabaco, dentre outras culturas.

O Piratuba é repleto de elementos naturais e de formas sociais de viver, que estão presentes no cotidiano de seus moradores. A fala: *eu vou tomar banho no igarapé todo dia depois da escola* (Miguel, 06 anos) foi recorrente nos pontos de vista das crianças, situando parte da realidade local.

E, sobre o aguatório do Piratuba, na visão da professora e liderança quilombola, Wilma C. Ferreira (2024):

O Piratuba, ele vem do Igarapé daqui da PA-252 e vai cortando todo o território e deságua no rio Moju. O igarapé enche no inverno, mesmo porque a água dele tufa mais um pouco. No verão, ele não seca total, mas tem uma baixa grande da água. É um braço de rio, a gente realmente ainda não sabe de onde a nascente vem. Sabe que ele atravessa a PA-252 e deságua no rio Moju.

Para ela, *Viver aqui é conviver com essa beleza que temos. Eu amo minha comunidade, um lugar bonito, maravilhoso, tranquilo, farto, graças a Deus. Até mesmo porque Piratuba tem esse nome, devido no passado ter realmente, sustentado, a vida no quilombo, pela fartura de peixe.* Abaixo, podemos observar a entrada da Comunidade Ramal Nascente de Quilombolas, Piratuba.



Imagens 1 e 2 - Entrada ramal do Piratuba. Fonte: Registros do projeto, 2023.

RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E ANCESTRALIDADE

Partimos da ideia do reconhecimento dos valores e dos costumes de um povo ou de uma comunidade, da sua cultura como legado de/entre gerações. Assim, dialogar com criança, constitui-se um ato político na escola e na comunidade quilombola, pois, como mostra Oliveira (2012, p. 29), pensar o ancestral, quilombola, diz de uma afrodiáspora como “signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global, de estruturas e singularidades, de rompimento e reparação”. Como vemos, a temática da ancestralidade afro-amazônida no espaço escolar e com crianças pequenas desafia-nos a entendermos melhor sobre a África entre os povos latino-americanos, em fronteiras territoriais e outros paradigmas humanos e de educação. Diz da validação da outra história, também presente na nossa brasilidade, desde o continente africano entre nós. Portanto, o tripé ancestralidade-criança-oralidade com/entre crianças também é uma forma de reconhecer o território e os/as sujeitos/sujeitas quilombolas, sendo aprendidos ludicamente e como matriz formadora.

Sobre outra história, não nos esqueçamos que a construção da identidade cultural e social de diversas regiões do estado e do país foi/é impactada pelos primeiros povos, negros, indígenas, caboclos e outros. Então, somos originários de um legado que preserva as histórias, as tradições e os conhecimentos ancestrais e que continuam a influenciar e a tornar ricas as sociedades contemporâneas. Trabalhar na construção de sociedades inclusivas e justas requer reconhecer e valorizar a diversidade dos/das povos/comunidades, em especial, em nosso continente, desde a preservação das línguas indígenas, do saber dos povos até o festejo das expressões culturais afrodescendentes. Ainda, isto se faz necessário para a contribuição de uma sociedade justa e sem preconceitos. Como afirma Abramowicz e Oliveira (2012, p. 40), a diversidade “[..] está ancorada na experiência negro-africana em solo brasileiro, que mantém e atualiza sua forma cultural seja na capoeira angola, no candomblé tradicional, na economia solidária das favelas etc.”, nas experiências infantis das crianças em seus modos próprios e partilhados com seus ancestrais, conforme trazemos nesta vivência.

Sendo assim, observamos que o território como espaço-tempo do vivido e com os elementos naturais/sociais encontra-se editado pelas narrativas das crianças, e símbolos como os rios e as águas, a mata e os animais como peixes, galinhas, cachorros, cobras, ratos e passarinhos fazendo parte da natureza do lugar e que compõem as leituras de mundo, as falas e as histórias infantis. Nesse território vivido, observamos as crianças em circulação, estabelecendo relações estreitas com saberes e com experiências, talvez por isso afirmem gostar de viver ali, sobressaindo suas vivências de banhos no igarapé, no chamado braço do Piratuba ou no Piratubão.

Outra prática comum das crianças diz respeito ao acompanhamento com adultos às atividades de trabalho dentro da comunidade. Como exemplo, frequentam, às vezes, a roça com o pai ou com a mãe.

Sobre ancestralidade, Sodré (2002, p. 74) assim a define: “[...] o conjunto das relações de ascendência e descendência regido por uma ancestralidade que não se define apenas biologicamente, mas também política, mítica, ideologicamente”. Esse autor acentua a ancestralidade como patrimônio que transcende a posse econômica e é adquirido fora dos limites das relações biológicas, por construções simbólicas. Portanto, defende a ancestralidade como um patrimônio imaterial e intangível que se transmite através do fluxo contínuo de ascendência para descendência e é composto por uma ampla gama de conceitos, de valores, de filosofias e de sabedorias. No caso em questão, a ancestralidade é um componente essencial da civilização africana em nossa brasilidade. Ela se organiza e se legitima a partir da vida coletiva e é fundamental para a afirmação da identidade local.

Já para Oliveira,

A ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural [...] e gesta projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros (Oliveira, 2007, p. 03-04).

A autora discute a apreciação da ancestralidade como um sinal de luta por direitos afrodescendentes. Ela enfatiza a importância dessa conexão com as raízes históricas e culturais para construir um projeto sociopolítico baseado em princípios como inclusão social, respeito às diferenças, convivência com o ambiente, valorização da experiência dos mais velhos, diversidade etc. Significa, então, que a luta pela construção de uma sociedade justa e equitativa, na qual a cultura e os valores ancestrais sejam reconhecidos, depende desses componentes pontuados pela autora.

Para o indígena Daniel Mundurucu (2000, p. 3), nós temos uma ancestralidade, uma tradição que precisa ser continuada e costurada todos os dias, pois: “somos a continuação de um fio que se constrói no invisível. Pensem nisso... somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... vindo de outros lugares... iniciado por outras pessoas... completado, remendado, costurado e... continuado por nós”.

Em sua visão, nos sedimentarmos socialmente, em termos ancestrais e sob um enfoque educativo, requer colocar as crianças em investigação de seus antepassados, porque, para o autor, a responsabilidade e o respeito pela história dos outros crescem com a consciência de que somos os continuadores da própria história. Logo, pautar no ancestral é essencial, trazendo as histórias, as angústias, sua humildade e seu comprometimento.

Em síntese, tem importância que as crianças possam conhecer o legado dos seus antepassados. Dessa forma, a ancestralidade representa um vínculo profundo com as raízes culturais e espirituais de um povo. Este autor entende a ancestralidade como uma conexão vital que transcende o tempo e o espaço, fundamentada na preservação e na transmissão dos conhecimentos tradicionais dos ancestrais.

Ferreira (2005), ao discutir ancestralidade, remete-nos à ideia de identidade transitória, um processo aberto e em permanente construção. Nesse sentido, afirma a autora que “a ancestralidade nos abre e nos apresenta possibilidades de religação com nosso tecido social originário: nos religa aos nossos” (Ferreira, 2005, p. 213). Tal assertiva nos mostra que o

ancestral também é a vivência de um ser humano, ampla, histórica e avivada na comunidade. Dessa forma, as crianças se apresentam um pouco assim, quando narram, oralizam, percebem o território como o lugar do ancestral que se atualiza diariamente. Para ilustrar, em uma das visitas à comunidade, vimos dois senhores limpando o igarapé e junto deles estavam algumas crianças, umas se banhavam, outras brincavam de pesca e outras apenas observavam a limpeza do rio e o rio. Tal situação nos fez refletir também sobre a afirmação de Brandão (1993) quanto à socialização de uma comunidade aprendente que faz, ensina, explica e serve como exemplo a outros que desejam o saber. Saber transmitido também por meio da oralidade.

Ainda, Sousa e Souza (2001, p. 153) dizem que a história e a memória de vários povos africanos entram e permanecem como parte da nossa cultura. E mais,

No Brasil, uma das matrizes que informam a tradição oral diz respeito às influências dos africanos aqui escravizados que para cá vieram, guardiões e guardiãs responsáveis por recriar a memória dos fatos e feitos de seus antepassados, ressignificando a vida nos novos lugares de morada. Foram também poetas, músicos, dançarinos, estudiosos, mestres, conselheiros, denominados, de modo geral, como contadores de histórias.

Posto isto, as culturas indígenas, caboclas, negras se organizaram também entrelaçadas com a cultura africana, suas raízes históricas nos situam desde a organização social, como mencionamos.

Conforme afirma Munanga (2009, p. 38), a África atravessa o Brasil que conhecemos. Assim, "A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo". Logo, nossa ancestralidade amazônica também carrega consigo as heranças e as tradições dos que vieram antes e deram continuidade, vindos também da África. Desta feita, a história de suas raízes é acentuada pela tradição oral, com legado gerador de saberes e de pessoas conscientes do seu papel na sociedade.

Abramowicz e Oliveira (2012, p. 50) alertam sobre a importância de que desde pequeno se ouça e aprenda sobre ancestralidade. Afirmam as autoras que não é possível uma sociologia da infância brasileira que não leve em conta a raça e o pensamento da criança como produtora de cultura, e que, a partir da década de 90, os indicadores sociais e econômicos do Brasil passaram a mostrar o tamanho e o grau da desigualdade no que se refere à raça, tendo o número de racismo denunciado nessa década aumentado de maneira exacerbada. "Quando todos são pobres, incidem sobre a criança negra desempenhos escolares inferiores. Sobre a mulher negra, sua renda é inferior em relação às mulheres brancas na mesma profissão [...]" (Abramowicz; Oliveira, 2010, p. 50).

Pelo projeto, observamos a continuidade de um legado apresentado/percebido pelas crianças, que estão em maior proximidade com os costumes deixados pelos nossos ancestrais. Assim, falas como "A professora nos ensina sobre o carimbó, pra gente saber o que é (Samy, 06 anos)"; "Eu tomo banho no rio, eu pesco, eu brinco, eu pego peixe, faço farinha (Tayson, 06 anos)" nos mostram este legado de outrora e presente na atualidade. A fala "Eu vou todo dia tomar banho com minha irmã antes de ir pra escola" também é uma prova que as crianças mantêm o convívio com os elementos naturais/sociais existentes na comunidade, bem como um levante ancestral que se atualiza como narrativa de vida no território quilombola. Isso mostra a evidência de um saber passado pela cultura do cuidado com a natureza e de entretenimento no igarapé, sendo um processo de transmissão e de valorização daquela cultura.

As próximas imagens demonstram como o território é vivido pelas crianças como espaço de liberdade, de aprendizado e de herança cultural, por meio dos momentos de banho no rio, no brincar e pelo convívio com o ambiente do entorno das casas, como demonstrações de uma

relação de afeto e de familiaridade com o lugar onde vivem.



Imagens 3 e 4 - Crianças nos espaços do território. Fonte: Registros do projeto, 2023.

Em suma, as crianças contam suas histórias, bem como se envolvem na ciranda de outras histórias – a dos livros. Assim, estão postas relações entre criança e ancestralidade, mediadas por histórias, memórias, ligações com o ancestral dos rios, como territórios de luta e de movências de resistência, com águas que banharam corpos livres e em deleite, após um dia de trabalho na mata ou no quintal entre tantos outros aspectos. São relações de enraizamento com a cultura, com costumes e com histórias transmitidas por gerações.

No compartilhamento com seus familiares e com pessoas da comunidade por meio da oralidade ou mesmo dos livros, as crianças ainda conhecem um pouco de suas raízes. Estão em marcha, produzindo conexões com costumes, valores e histórias do quilombo.

A ORALIDADE E O QUE DIZEM E CONTAM AS CRIANÇAS

Na Educação Infantil, falar/ouvir é fundamental para desenvolver a oralidade assim como para deixar fluir atos criativos nas crianças. Nesse sentido, associamos a oralidade na educação das crianças ao que Benjamim (1987, p.11) considera como a arte de contar, de fazer o percurso de uma experiência, cujas condições de realização estão escassas na atualidade. Assim, uma “comunidade da experiência funda a dimensão prática da narrativa tradicional. Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito”, ou seja, aguçar as crianças a falarem, a contarem e a expressarem suas histórias e seus pontos de vista significa também ativar tradições e memórias comuns de um determinado grupo/comunidade, ao mesmo tempo garante afetar-se na experiência coletiva ligada a um tempo, vagaroso e apreciado, ao tempo social e à cultura em movimento. Da ancestralidade movente e viva. Logo, vemos que a oralidade da criança do Piratuba está entrelaçada por suas vivências. Vivências sendo pronunciadas por meio de atividades com as quais interagem e que são comuns no quilombo, conforme podemos observar nas falas.

Quadro 1 – Vivências com/no ambiente

CRIANÇAS	O TERRITÓRIO VIVIDO
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Meu pai me leva pra fazer farinha, porque tem um retiro de farinha na minha casa. Também, eu vou caçar com meu pai, mas ele não deixa eu entrar muito pra dentro da mata, porque tem lama.</i>
Miguel Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Ele mata tatu na roça e pega peixe, e eu vou com ele, às vezes.</i>
Cassio Souza da Costa (06 anos)	<i>Uma vez, eu com meu pai, a gente tava lá dentro do mato e tinha uma cobra venenosa, era preta e vermelha, aí o papai matou ela com um pedaço de pau.</i>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.:As autoras.

As crianças contam sobre o que vivem. Nesse aspecto, sua vida brincante é central, por isso suas produções são evocadas.

Quadro 2 – Narrativas de vivências

CRIANÇAS	O QUE NARRAM DAS VIVÊNCIAS
Samilly Cardoso Ferreira (06 anos)	<i>Meu pai me leva pra tomar banho de igarapé e eu brinco de pira pega n'água com meus amigos.</i>
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Vou para escola andando com a Thays, minha irmã mais velha, e passamos pelo campo e pelo gaparé, passamos pelo bar do meu avô. E, quando bate a campá, minha irmã me leva pra tomar banho no garapé. Eu tomo banho, eu pesco, eu brinco, eu pego no peixe, eu vou com meu pai no balneário.</i>
Miguel Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Vou todo dia no rio, antes de vim pra escola, com a minha irmã, tomar banho.</i>
Cássio Souza da Costa (06 anos)	<i>Eu brinco fora de casa, na rua com meus colegas. Eu vou tomar banho no garapé do Leleo com meu pai.</i>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.: As autoras.

As falas transmitem também histórias como a do Lobisomem, da Matinta Perera, da Cobra grande e da Mãe da lua, que são evocadas em momentos de entretenimento. Mostram que as crianças do quilombo Piratuba têm histórias e experiências únicas.

Quadro 3 – Narrativas de histórias e lendas

CRIANÇAS	HISTÓRIAS E LENDAS
Cássio Souza da Costa (06 anos) A lenda do Urutal ou mãe da lua e um relato pessoal.	<p><i>A lenda do Urutal é mãe da lua, que os homens queimaram a floresta toda e ele sobe no pau e fica chorando pra lua, e ele aparece por aqui direto. Ele é um pássaro e o barulho que ele faz é muito assustador, chega dá medo.</i></p> <p><i>Meu pai já me contou a história do fantasma da mata, que é um monstro coruja, e que não pode ir pra mata de noite porque tem esse bicho lá. E meu pai falou uma vez que a visagem tinha matado meu gato.</i></p>
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<p><i>O meu pai contou que ele foi pro mato caçar e tinha uma aranha muito preta e grande no jambo na árvore e ele atirou no jambo pra matar a aranha e ele deu pro gato comer, ele também atirou no camaleão mas não pegou e o camaleão fugiu.</i></p>
Dhemily dos Santos Cardoso (06 anos)	<p><i>O lobisomen ele é metade lobo e metade homem e quando tá a lua grande lá no céu ele fica latindo.</i></p>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.: As autoras.

As histórias também estão na fala dos adultos, como a da liderança e professora Wilma Ferreira:

Aqui no Piratuba a gente sempre ouviu história de Matinta Perera, de Lobisomem. Pra cá tem uma vila aí atrás, e a família que morava na época lá dizia que tinha um homem que passava toda noite no quintal deles, sendo que a mulher amarrava o arame pra estender roupa e esse homem, de noite, passava e tirava o arame, jogando no chão. A mulher, noutro dia suspendia, e vinha a noite e esse homem tornava jogar no chão, e assim ele fazia, todo tempo passava lá e fazia isso pra eles (Wilma Ferreira, 2024).

Igualmente aos adultos que sabem e transmitem, percebemos que a fala é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois se configura vetor de aprendizagem de comunicar suas ideias, de se expressar e de interagir no seu grupo de pares e na comunidade, na família ou na escola. A fala é uma forma de aprofundar o pensamento crítico desde cedo. Nesse sentido, os profissionais da educação podem ajudar as crianças sobre o direito de falar e, assim, podem aprimorar habilidades cognitivas, linguísticas e sociais, por meio de um ambiente escolar com ricas e potenciais possibilidades para as crianças.

No lugar, a fala das crianças transmite tradições culturais do quilombo, a partir de histórias de ontem e de hoje, histórias criadas, recontadas, reais. Pela fala se argumenta frente às realidades do dia a dia, como, por exemplo, o acesso à educação, à identidade cultural do lugar, que está em constante mudança.

Que tal conhecer a linda história de vida de Miguel Ferreira dos Santos (6 anos)?



Imagem 5 – O menino. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.

Miguel gosta de estudar, embora sua casa fique um pouco longe da escola, na estrada Piratuba. Para o menino, o que mais gosta nela é *do recreio, por conta da merenda e de brincar*. Em casa, ele assiste a desenhos (sendo a Ladybug e Cat Noir os seus preferidos), brinca *de carro, de moto, de bicicleta na estrada*. Gosta de brincar de baladeira e com o gatinho - *dou comida pro gato (mato) e, à noite, dou comida de verdade*. Ele reside com sua avó, mais a mãe, o pai e a irmã e, conta, também, com o cachorro e com a galinha. É um menino comunicativo, que costuma contar histórias reais e lendárias. Por exemplo, contou como sua mãe faz ovo cozido da galinha: *põe o ovo na água e, depois, no fogo. Quando borbulha, o ovo está pronto pra comer*. Ainda, da culinária regional, gosta de tomar açaí todo dia, talvez, por isso, saiba apanhar o fruto.

Segundo o menino, sua mãe *cuida dos afazeres domésticos como a comida e a limpeza da casa*, e seu pai trabalha *na oficina pro seu Jacaré (um senhor)*, além de matar tatu na roça e pescar no rio Piratubão e em outros igarapés que ficam próximos da comunidade.

Miguel sabe muitas coisas do lugar. Informou que sua vizinha Regina vende *iscoisas* (coisas) e baladeira, que ele mata o passarinho com a baladeira e depois come, pois, segundo ele, *se não comer joga no quintal e fica fedendo*. Ele considera tudo bonito no Piratuba: a escola, o rio. No rio, costuma ir diariamente antes de ir para a escola, vai com a irmã tomar banho. Lá, faz mortal dentro d'água.

O menino ama estar com os amiguinhos da comunidade: *brinco com o Thayson, a Ana Clara, a Samili, o Eduardo, a Nayane e a Yasmin*.

UM POUCO MAIS DO QUILOMBO PIRATUBA

Costumes e tradições

Quando eu vou pra casa da minha avó, eu converso com ela. Eu conto história pra ela, conto quando aparece cobra e bicho lá em casa (Tayson, 6 anos).

Eu gosto de tá no mato para ver os bichinhos que tem lá e, às vezes, meu pai me leva com ele (Cássio, 06 anos).

Eu não falo muito com meus pais. Eles falam comigo pra mim entrar ou pra mim não brincar com macho, só com menina. Eu falo: pai eu só tô brincando com menina. Mas eles não deixam eu falar, quando eu começo a falar eles mandam eu ir pro quarto e depois mandam eu sair do quarto. Os meus irmãos, o André e a Cibely, eles não mandam, só eu, porque sou pequena².

Brincares e ludicidade

Gosto de falar pra mamãe levar a gente pra ponte, pra tomar banho, mas ela não gosta. Só o papai que leva a gente pra ponte (Samilly, 6 anos).

Eu amo quando a gente vai tomar banho de rio. Eu vou com os meus primos e a gente brinca muito (Yasmin, 06 anos).

Histórias do Piratuba

Tia Vilma contou que quando ela tava na casa dela, apareceu um passarinho com um bico grandão e pra baixo, e ele comeu o pato dela. Quando ela viu, o pato tava morto e ela pegou e jogou ele fora e o urubu veio comer. E, da outra vez, o pato dela tinha sumido e ela foi ver, o cachorro tinha comido o pato. Ela conta mais histórias, mas eu não lembro (Tayson, 6 anos).

Eu lembro da história de uma mulher que deitava na cama e sonhava, sonhava que ela era uma boneca (Samilly, 6 anos).

Caminho da Escola

A Cibely, minha irmã, ela é grande e a gente vem andando. Eu moro aqui perto da escola, antes do garapé (Samilly, 6 anos).

Eu venho andando pra escola, passo pelo campo, pelo garapé e pelo bar do meu avô. Quando bate a campá, minha irmã me leva pra tomar banho do garapé (Tayson, 6 anos).

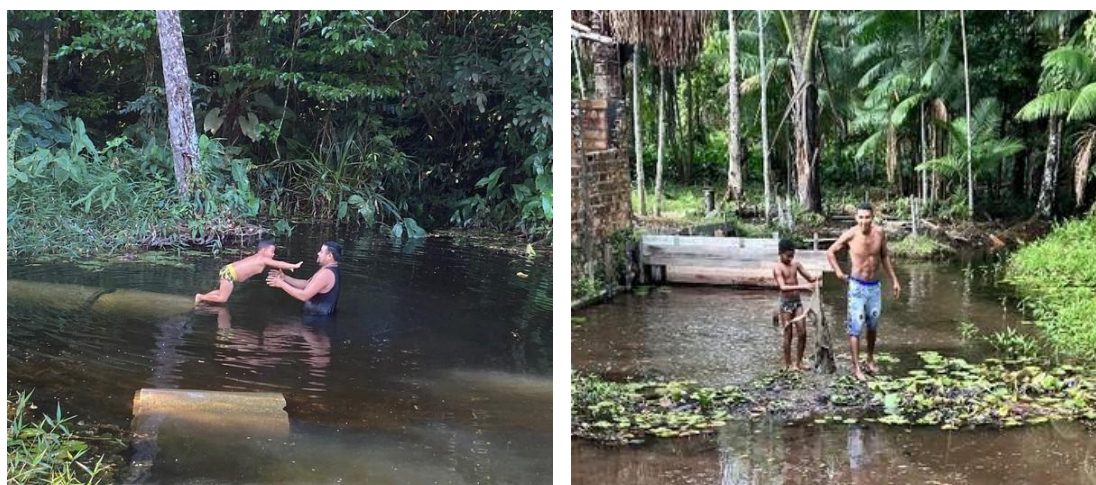
² Optamos por preservar a identificação da criança.

TERRITÓRIO VIVIDO E OS DESENHOS QUE NARRAM

O rio Piratubão

A partir das cirandas de contação, das observações no entorno da comunidade e das entrevistas, podemos dizer que o braço de rio (o Piratubão) esteve presente em todas as falas relacionadas ao que mais gostam na comunidade. Assim, o rio é um forte elemento ancestral presente na comunidade. Desde a fala dos adultos e das crianças, até o cuidado dos mais velhos com ele, vemos que as pessoas limpam, cuidam, servindo, inclusive, de exemplo para os mais novos. Nessa vivência, muitas falas como: eu vou tomar banho de rio todo dia, mostra quão vivo é o rio como elemento ancestral na comunidade.

Imagens 6 e 7- Sobre o convívio com o rio. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.



As imagens situam, claramente, quão significativo é o rio como espaço de convivência e de memória afetiva para as crianças e para os adultos deste quilombo, sendo integrante de sua identidade com o território de vida, ser habitante afro-amazônida, ser habitante de um quilombo na Amazônia paraense.

O rio Piratubão representa, por vezes, a fartura que o próprio nome carrega, como mencionamos. Ele oferece água para consumo, para irrigação das plantações, além de integrar o ecossistema e ambiente do lugar. Ademais, ele é cenário/espço de diversão para todos na comunidade, pois se banham e brincam todos os dias, alguns pela manhã, outros pela tarde, outros em ambos os horários.

Sobre o quilombo as crianças não souberam informar com clareza, tornando-se uma questão sombreada durante os diálogos. No entanto, sabem que moravam nesse território: *Comunidade Ramal Nascente de Quilombolas, Piratuba* (Tayson, 06 anos). E demonstraram por meio de desenhos seus entendimentos e significações de coisas, de elementos e da natureza do lugar.

Ouvimos as seguintes falas sobre o lugar: *eu gosto muito de comer peixe* ou *eu já vi uma cobra, tia, que meu pai matou uma*. São falas de quem convive próximo das matas, dos rios e dos igarapés e de outros seres. Traduzem, um pouco, do entendimento deste lugar vivido, ou mesmo de nossas

escutas de falas sobre aspectos ecológicos narrados pelos mais velhos e pelas crianças. Abaixo, alguns dos desenhos delas, produzidos nas oficinas e que ilustram o que foi situado da natureza do quilombo.

Desenhos 1, 2 e 3 – Sobre elementos do Piratuba



Fonte: Registros do projeto, 2023.

Os desenhos evidenciam peixes, árvores, flores, passarinhos, jacarés, e nos situam, fazendo-nos refletir sobre como os elementos naturais/sociais são importantes para elas, pois, neste cenário, se agrupam, realizam suas brincadeiras, se exercitam e experimentam processos educativos informais, ou seja, são espaços de socialização pessoal, desde a cultura. As crianças daqui têm a oportunidade de explorar a natureza e aprender sobre plantas e animais que habitam neste território, além de aprenderem a pensar/falar sobre como preservar o território com suas matas, suas árvores, seus rios, suas gentes, suas histórias e suas memórias ancestrais.

As brincadeiras ao ar livre também são comuns, como a menina Samilly (06 anos) relatou: *eu brinco de pira mãe e pira alta e vou tomar banho de garapé com meu pai, e a gente brinca de tudo isso na água, a gente pula e brinca na rua e, eu gosto muito.* As crianças, assim, desenvolvem habilidades sociais e físicas, além da diversão. Desde cedo, tem o contato com a natureza de seus corpos, associado ao pertencimento e à identidade cultural, desde o convívio com o território.



Imagens 8 e 9 - As crianças nos espaços do território. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.

As imagens 8 e 9 foram também capturadas durante momentos de observação no cotidiano da comunidade e, mais uma vez, tais registros demonstram a presença ativa das crianças no território, convivendo com a natureza e com os elementos que compõem a cultura local, como, por exemplo, os plantios dos quintais e o brincar no chão com as coisas daquela natureza (terra, folhas, galhos, corpos), além de revelar que essas ações são livres e espontâneas. São criações do mundo infantil vivido ali, carregadas de sentidos de pertencimento, de liberdade e de ancestralidade.

Como parte do projeto, houve a troca de brincadeiras de origem africana, algumas identificadas como parte do repertório brincante e outras brincadeiras praticadas pelas crianças.

Achei meio estranho, mas depois achei legal. Eu gostava de ouvir as histórias e desenhar (Samilly, 6 anos). Nesse tom, expressado por esta menina, houve troca de conhecimentos e de experiências lúdicas. Algumas das brincadeiras realizadas durante as Oficinas foram: a) Pelo Projeto: Neéz deguíaan, Banyoka, O silêncio é de ouro, Terra/mar; b) Brincadeiras praticadas por elas: pira pega, pira cola, pira alta e ciranda cirandinha. Dessa forma, como dito, buscamos identificar características do Quilombo Piratuba, com base nos saberes, nas vozes e nos sentidos de meninos e meninas.

Neste embalo do vivido, foi alvo de debate a canção do Piratuba³:

Nasci neste lugar, de nome Piratuba. Se você não sabe o que é? É a língua tupi Guarani. O Pira vem, de piracema. O tuba é de muita fartura. Piratuba é um igarapé muito grande e abundante. Vem, vem que existe nesse igarapé, grandes quantias de peixe até o peixe poraquê.

As crianças cantaram repetidas vezes a canção, que é transmitida pelos pais, pelos tios, pelos avós ou mesmo pelos professores. No momento de conversa entre os envolvidos, alguns elementos citados pelas crianças foram o garapé (Miguel, 6 anos), as árvores (Yasmin, 5 anos), os animais e tantos outros, remetendo ao contexto do território. Neste ponto, a obra "O que é

³ Autoria: Reginaldo dos Santos (in memoriam).

educação”, de Brandão (1993), mostra a força do humano em diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo e com a consciência.

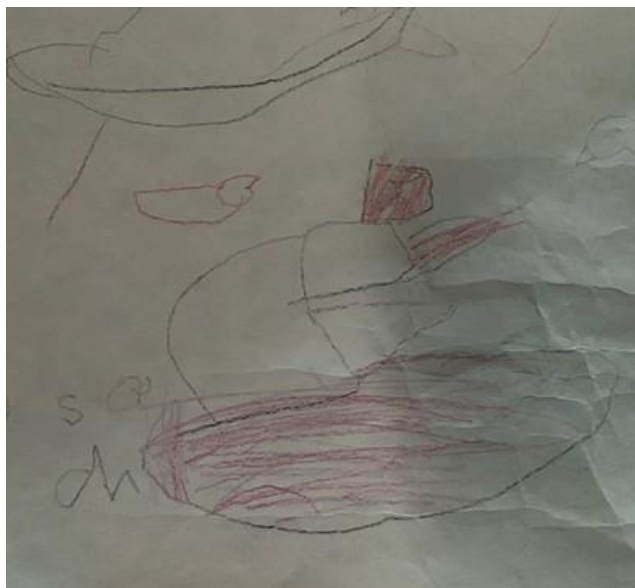
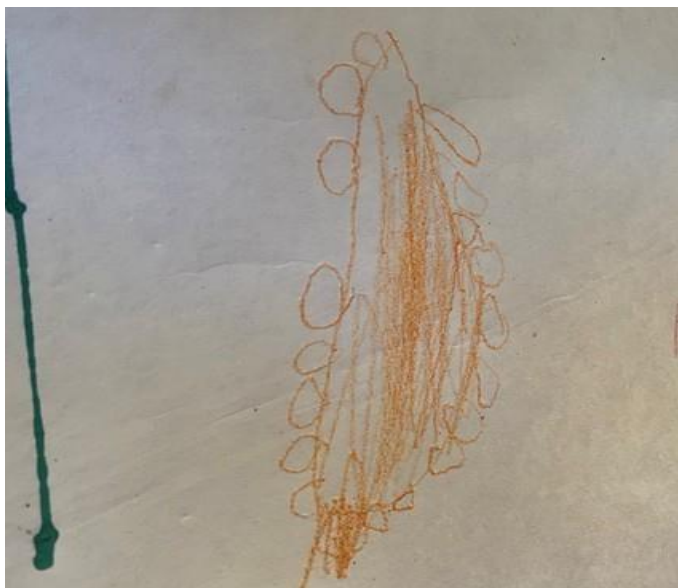
Sendo assim,

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescente, jovens, adultos e velhos [...] os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem, premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existem, veem fazer e imitam, são instruídos pelo exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer (Brandão, 1993, p. 8).

Vemos que o saber é parte do construto social, transmitido em um determinado grupo e pelas pessoas a outros, gestando sentidos do aprender-e-ensinar. Logo, falar tem importância vital e falar da ancestralidade como aprendizado coletivo de determinado grupo. Este falar, como pautamos no projeto, teve a intenção de nos conectar com nossas raízes, nos levando a entender melhor quem somos, de onde viemos, de as crianças saberem um pouco mais de sua identidade cultural, histórica e até mesmo genética. Portanto, teve validade política e cidadã. De nos fazer entender a ancestralidade brasileira, amazônica, paraense e lidar melhor com a diversidade, cujo legado diz dos antepassados na história.

Ainda, sobre o território vivido, a produção de desenhos ocorreu de forma natural e simples. As crianças através dos desenhos demonstram o seu cotidiano e como é, para elas, viver em um território rico de elementos naturais e de memórias. Miguel (05 anos) desenhou um ônibus, *porque vejo ônibus quando venho pra escola com a minha irmã* (imagem 4). Os demais retrataram o Piratuba identificado, também, com um barquinho e peixes (Samilly, imagem 5), ambos os desenhos elucidam elementos presentes na comunidade.

Desenhos 4 e 5 – Sobre o Piratuba



Fonte: Registros do projeto, 2023.

Imagem 10 - Um fragmento da rotina do Piratuba. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.



Durante a realização das atividades de campo – observação direta, foi possível registrar cenas em que as crianças interagiam naturalmente com o ambiente: corriam pelo ramal, colhiam frutas, banhavam-se no igarapé e participavam de brincadeiras tradicionais como pira pega e fazer comidinhas com plantas da comunidade. A imagem 10 representa um pouco desse modo de viver no território em estreito laços com a natureza, compondo sua formação como sujeito/sujeita quilombola.

Logo, para se implementar uma pedagogia antirracista, inclusiva, portanto, contextualizada, desde a educação infantil, é necessário ouvir, observar e deixar a fala ecoar de todos/todas entre si. Respeitar/Reconhecer o saber das crianças. Para isso, é fundamental construir materiais com base na cultura e no cotidiano do território e da ancestralidade quilombola do Piratuba, com sua cultura, seus costumes e seus modos de vida. Seguir na escola e com as crianças pela oralidade e com as histórias infantis. Realizar diálogos nos quais as crianças sejam valorizadas e incluídas.

Tais perspectivas sinalizam para os corpos das crianças se manifestando livremente e com a vontade de aprender. Corpos políticos e amorosos, associados à ancestralidade afro-amazônida. E cabe aos educadores entender melhor todos esses processos e assuntos referentes à educação da infância amazônida, em sua diversidade.

Como síntese, ousamos dizer que as narrativas das crianças colocam o rio como elemento ancestral e integrante do convívio em suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes**. Maria Aparecida Silva Bento, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura** – Volume 1. Série Obras Escolhidas. 3ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28ªed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FERREIRA, Santos, Marcos. **Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku**. In: SECAD/MEC. (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.o 10.639/03. 1ed.Brasília: Exições MEC/BID/UNESCO - Coleção Educação para Todos, 2005, v. 1, p. 205-229.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Em busca de uma ancestralidade Brasileira**. São Paulo: editora Angra, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. (RESAFE), (18), 2012.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

POJO, Eliana Campos Toutonge/UFPA. **Projeto de Extensão Encontros afro- amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças**. Abaetetuba: UFPA, 2023.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago ed; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Cantos e Re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras**. In: SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 (Salto para o futuro).

Entrevistas

CARDOSO, D. dos Santos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro- amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

COSTA. C. S. da. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, M. F. dos. **Entrevista à Eliana Pojo**, [nov. 2023]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, Y. F. dos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [nov. 2023]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

FERREIRA, S. C. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (50 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

FERREIRA, W. C. **Entrevista à Eliana Pojo**, [abr. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (30 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, T. F. dos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.



Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Extensão - Programa Eixo Transversal Edital Proex nº 03/2023



Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubuia Amazônica* (UFPA/CNPQ)

Projeto de Extensão - Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ)
: espaços culturais e lúdicos para crianças

Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Comunidade Quilombola Piratuba-Abaetetuba/Pa

Crianças coautoras

Cássio Souza da Costa
Dhemily dos Santos Cardoso
Miguel Ferreira dos Santos
Samilly Cardoso Ferreira
Tayson Ferreira dos Santos
Yasmin Ferreira dos Santos